

## **FISICISMO: A FILOSOFIA NO CÍRCULO DE VIENA [PHYSICALISM: THE PHILOSOPHY OF THE VIENNESE CIRCLE]<sup>1</sup>**

Otto Neurath

Traduzido por: Nelson Gonçalves Gomes  
Universidade de Brasília  
ngomes@apis.com.br

Embora a assim chamada “especulação filosófica” esteja, indubitavelmente, em declínio, na prática muitos dos que pensam ainda não se libertaram de um método de raciocínio cujas raízes, em última análise, estão na teologia e na metafísica. Nenhuma ciência que tenha a pretensão de ser exata pode aceitar uma teoria ou doutrina não atestada; mas mesmo numa ciência exata, há, freqüentemente, mescla de magia, teologia e filosofia. Uma das missões dos nossos tempos é ajudar o raciocínio científico a alcançar as suas finalidades, sem empecilhos. Quem quer que se proponha a isso terá a ver não tanto com “filosofia” propriamente, mas sim com “antifilosofia”. Para ele, só existe uma ciência, com subdivisões: a ciência unificada das ciências. Temos uma ciência que trata das pedras, uma outra que trata das plantas, uma terceira que trata de animais, mas precisamos de uma ciência que unifique todas elas.

Todas essas disciplinas são construídas com os mesmos tijolos, por assim dizer. O nosso conhecimento dos fenômenos é controlado pela visão, audição, tato – nossos órgãos sensíveis. Em qualquer empirismo consistente desse tipo, a psicologia deve ocupar-se com o comportamento humano, da mesma forma como a mineralogia (conjuntamente com a química, a física etc.) ocupa-se com o estudo do “comportamento” das pedras.

Os seguidores desse método de raciocínio perguntam sempre: o que eu entendo por enunciado positivo e como posso testá-lo? Um enunciado que não pode ser controlado é uma *tese desprovida*

*de sentido*. Aqueles que conseguiram formular um sistema de leis aplicáveis à *predição de eventos* foram adequadamente considerados como “representantes da concepção científica do mundo” (*Wissenschaftliche Weltauffassung*). Mach, Poincaré, Peano e outros, como discípulos de Hume, num certo sentido, fizeram o que podiam, para extirpar os últimos vestígios da teologia e da metafísica. A sua obra está sendo presentemente continuada, por muitos intelectos jovens, de modo especial, na Europa, intelectos estes ativamente dedicados à *análise da linguagem científica* e do sistema de signos, assim como à construção de um *sistema de símbolos*, com o auxílio da lógica e da matemática. A obra de Bertrand Russell teve valor decisivo para tal trabalho.

Todos os que concordam com um empirismo rigoroso rejeitam qualquer coisa que tenha laivos de “absoluto”, seja ela um tema relacionado com o mundo do *a priori*, ou com o mundo do imperativo categórico. A “filosofia escolar”, com a sua concepção definida em uma base fundamental do ser ou do pensar, supõe estar julgando a ciência como se fosse um tribunal de última instância. Uma tal suposição é sumariamente recusada pelos que representam a *Weltauffassung* científica. Estes conhecem apenas a ciência e o esclarecimento dos métodos científicos. Tal esclarecimento é tudo o que restou do “filosofar” antiquado. A filosofia está obsoleta, como sistema independente de doutrinas definidas. Aquilo que não pode ser visto como ciência unificada deve ser aceito como poesia ou ficção.

Este ponto de vista é desenvolvido com especial energia pelo “Círculo de Viena” que é fortemente influenciado por Bertrand Russell e por Wittgenstein, cujo *Tractatus* foi editado por Russell, em inglês e alemão. Em apoio a este grupo Moritz Schlick e Philip Frank\*\* estão editando uma série de publicações que se destinam a auxiliar a causa da concepção científica do universo, em todas as áreas da ciência.<sup>2</sup> Uma revista periódica, com o mesmo programa, a *Erkenntnis*, é editada por Rudolf Carnap (Viena d’Áustria) e Hans Reichenbach (Berlim).<sup>3</sup>

O sistema de leis, a partir do qual são deduzidos eventos singulares ou processos – a ciência unificada, em outras palavras –, pode ser total ou parcialmente modificado, sempre que os resultados obtidos estejam em contradição com a experiência ou observação. Todo fenômeno é testado através do som, da luz etc., mas som e luz não participam da apresentação científica final. Nas fórmulas da ciência, com o auxílio das quais os seres humanos conseguem entender-se mutuamente, são utilizados apenas signos lógico-matemáticos. Não tem sentido dizer: “Vejo o mesmo vermelho que meu amigo”. A maneira segundo a qual o meu amigo combina o signo “vermelho” com outros signos esclarece-me a estrutura do seu sistema de expressão. Mais não pode ser feito pela ciência. Os signos podem indicar um “próximo”, um “entre” e um “tanto”, mas nada além. Aquilo que é simplesmente expressável, de modo científico, não é mais rico, em relações fundamentais, do que os símbolos de uma tira em Morse, que o telegrafista lê, da mesma forma como são emitidos pelo seu aparelho. Num certo sentido, a ciência unificada é física, no seu aspecto amplo, um emaranhado de leis expressando relações espaciotemporais. Chamemo-la de *fisicismo*.

A física já foi, com sucesso, purificada de fórmulas metafísicas. Por exemplo a concepção do “movimento absoluto” foi abandonada. Tal concepção só ganha significado, caso pensemos no “espaço absoluto” como uma imensa caixa de vidro, na qual traçamos, “coordenadas” como teias de aranhas, de sorte que se torne possível determinar se um corpo está em repouso absoluto ou se ele está em movimento, dentro da caixa. A concepção de Mach-Einstein renuncia a tal “espaço absoluto” que só assume algum significado quando se tem uma concepção de Deus, que está presente em todos os tempos e lugares. O espaço absoluto, num certo sentido, é produto do *sensorium* divino (Newton). Na concepção de Mach-Einstein, nós encontramos apenas corpos e relações entre eles. Um corpo pode mover-se apenas em relação a outro corpo e não em relação ao “espaço”. É impossível que se infiram conclusões aplicadas simultânea

e universalmente. Nada mais podemos, além do registro das “biografias” dos corpos individuais e da anotação de como estes últimos aproximam-se e afastam-se de outros corpos. A soma de tais biografias constitui a descrição científica, que nada mais faz do que formular enunciados para a verificação observacional.

No campo da psicologia, os físicos são fortes aliados de Watson e seus behavioristas, sem, entretanto, aceitar as suas fórmulas. No campo da biologia, os físicos rejeitam o “vitalismo”, na medida em que este sustenta que entidades não-espaciotemporais tornam-se “efetivas”. Igualmente, na sociologia, os físicos julgam necessário opor-se a entidades transcendentais, metafísicas, como o “espírito de uma época”, que se manifesta de diversas formas, assim como “os poderes do espírito”, que estão em perpétuo conflito, uns com os outros. É justamente nessa área que tendências metafísicas (como em Sombart, por exemplo) manifestam-se com frequência, embora “história” e “economia” incluam hoje a sociologia empírica e tratem de coisas concretas como seres humanos, ruas, cidades, veículos, indústrias e quejandos. Na Alemanha, a moda consiste em estabelecer oposição entre as *ciências humanas* – “ciências morais e intelectuais” – e as outras, em separar agudamente as ciências da cultura e da natureza e em exigir métodos especiais para cada um dos dois campos. No fisicismo, é insustentável uma tal separação que, em última análise, reduz-se à má vontade do homem em desistir por completo do lugar especial que tem, como parte de um reino celeste.

A ética que, antigamente, tinha a ver ou com as leis de um Deus ou, ao final, com leis *an sich* (em si), isto é, com leis das quais Deus foi eliminado, num certo sentido (imperativo categórico de Kant), deixou-se suplantado por investigações que tornam possível ao homem alcançar a felicidade através de determinados ajustes ou através de determinados métodos de conduta (comportamento). Ao invés do padre, encontramos o médico fisiologista e o organizador sociológico. Condições determinadas deixam-se testar através do seu efeito sobre a felicidade (*Glueckwirkungen*), da mesma forma

como uma máquina é testada para que se possa medir a sua capacidade de levantar algo. Nenhuma ciência ensina o que “deve” ser feito. Ela apenas afirma que, por terem acontecido A e B, segue-se um C bem determinado. A tarefa exige organização sistemática do esforço humano. Isto envolve engenharia, ginástica (higiene) e tecnologia social hodierna. Todas elas têm influência na administração científica e na organização comercial e, assim sendo, sobre a vida humana, como um todo.

Em qualquer lugar, encontramos um sentido crescente de organização técnica, um sentido em harmonia com a extensão dessa nova concepção científica do universo (*Weltanschauung*), que forja uma poderosa arma, através da unificação da ciência.

Pouco importando o país ou o continente onde estejam, aqueles que se consideram trabalhadores na resolução do enigma da vida, inconscientemente, juntam forças, sempre que devotam tempo e esforços à clarificação da ciência e sempre que sistematizam e interpretam, com o auxílio da lógica e da matemática, tudo o que nós percebemos através dos sentidos. O grande triunfo da labuta terrena é predizer o que acontecerá e guiar a ação das pessoas, correspondentemente. Tal é o sucesso concreto do esforço humano, que não faz uso de *teses desprovidas de sentido*, mas que está profundamente enraizado no solo do fisicismo.\*\*\*

## Notas

1. Este texto foi originalmente publicado em *The Monist*, v. XLI, Chicago/Londres, 1931.
2. Publicados por Julius Springer, em Viena d'Áustria:
  - V. 1 - Friedrichk Waismann: *Linguagem, Filosofia* [*Sprache, Philosophie*].
  - V. 2 - Rudolf Carnap: *Tratado de Logística* [*Abriss der Logistik*].
  - V. 3 - Richard von Mises: *Probabilidade, Estatística e Verdade* [*Wahrscheinlichkeit, Statistik und Wahrheit*].

V. 4 - Otto Neurath: *Sociologia Empírica* [*Empirische Soziologie*].

V. 5 - Philipp Frank: *A causalidade e suas fronteiras – Die Kausalität und ihre Grenzen*.

V. 6 - Moritz Schlick: *Problemas da Ética* [*Fragen der Ethik*].

3. Publicada por Felix Meiner, em Leipzig: a *Erkenntnis* é o órgão da Sociedade Ernest Mach, de Viena d'Áustria, e da Sociedade para a Filosofia Empírica, de Berlim.

### Notas do tradutor

- \* Preferimos a expressão “físicismo”, para traduzir *physicalism*. Neurath usa esta última no sentido da sua tese, segundo a qual toda ciência é alguma forma de física. Ora, em português não existe o termo “físical”, como equivalente de “relativo à física”. Assim sendo, a palavra “físicalismo”, muitas vezes empregada, não nos parece feliz, razão pela qual não a usamos aqui.
- \*\* No texto original, em oposição à nota 1, aparece o nome Philip Frank, com apenas um “p” final. A grafia constante na nota, porém, está correta.
- \*\*\* No texto original, aparece a expressão “psycalism”, um óbvio erro de imprensa.